

Confiança industrial brasileira elevada e disseminada

A confiança está presente em todas as regiões do país e em todos os segmentos industriais em setembro.

O que levou o Banco Central a reduzir a taxa de juros?

Corte de 0,5 ponto percentual levou Selic ao menor patamar da história.

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO RIO GRANDE DO SUL

Av. Assis Brasil, 8787 Fone: (051) 3347.8731 Fax: (051) 3347.8795

UNIDADE DE ESTUDOS ECONÔMICOS

www.fiergs.org.br/economia

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista desta Federação. É permitida a reprodução deste texto e dos dados contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

Confiança industrial brasileira elevada e disseminada

A confiança está presente em todas as regiões do país e em todos os segmentos industriais em setembro.

Após três meses de altas seguidas, o Índice de Confiança do Empresário Industrial brasileiro (ICEI), medido pela CNI, em setembro repetiu o valor de agosto: 59,4 pontos. O índice, 4,8 pontos acima da média histórica, mostra que a confiança no setor é elevada.

O ICEI, que varia de zero a cem pontos, é composto pelos índices de Condições Atuais e de Expectativas, ambos com relação à economia brasileira e à própria empresa. Acima de 50, indicam empresários confiantes.

O Índice de Condições Atuais cresceu de 51,1 em agosto para 51,9 pontos em setembro, mostrando, acima de 50, que o empresário brasileiro percebe melhora nas condições de seus negócios. O índice que avalia as condições economia brasileira passou de 50,7 para 51,3 pontos no período e o que mede as condições das empresas, de 51,2 para 52,3 pontos.

Já o Índice de Expectativas para os próximos seis meses apresentou ligeiro recuo em setembro, de 0,4 ponto, atingindo 63,2 pontos, interrompendo uma sequência positiva de três meses. Apesar disso, manteve-se acima dos 50 pontos, revelando que os empresários brasileiros seguem otimistas. O componente de expectativas associado à economia brasileira caiu 1,0 ponto, para 61,2, enquanto o relativo à própria empresa ficou estável em 64,3 pontos no mês.

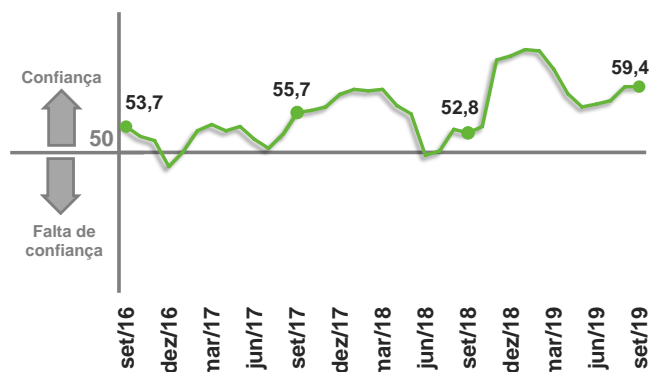
A confiança está presente em todas as regiões do país. Os industriais mais confiantes em setembro foram os da região Norte, onde foi apurado ICEI de 62,4 pontos. O Centro-oeste ficou em segundo lugar, com 60,5 pontos. O terceiro lugar foi ocupado pelo Sul, com 59,4 pontos. Os industriais do Nordeste e Sudeste revelaram níveis de confiança similares: 58,8 e 58,7 pontos, respectivamente.

A confiança industrial existe também nos três grandes setores no país. A extrativa é a mais confiante (63,0 pontos) em setembro. Já o índice da indústria de transformação chegou a 59,5 pontos, pouco maior do que o da Construção, que atingiu os 59,2 pontos neste mês, e está presente tanto no segmento de Construção de edifícios (59,4 pontos) quanto no de Obras de infraestrutura (59,3 pontos).

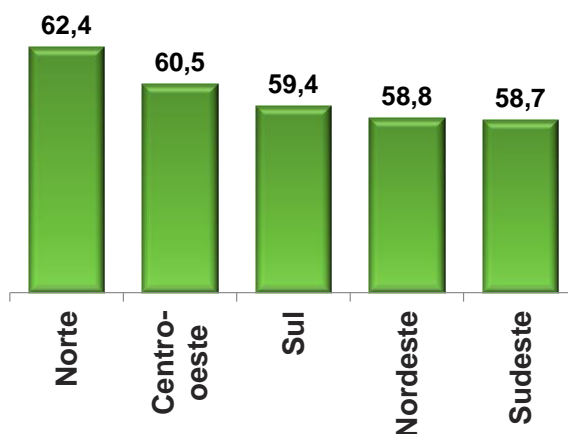
Na indústria de transformação brasileira, a confiança é generalizada em setembro. Todas as 26 atividades registraram os índices acima dos 50 pontos. Sabões, detergentes, produtos de limpeza, cosméticos, perfumaria e higiene pessoal (63,7 pontos), Biocombustíveis (63,2), Produtos de metal (62,9), Plásticos (61,3), Alimentos (60,7), Vestuário e acessórios (60,7) e Metalurgia (60,7) são os setores que mostram os empresários mais confiantes. A confiança é menor em Minerais não metálicos (57,0 pontos), Bebidas (56,8), Couros (56,8), Informática e eletrônicos (55,3) e Madeira (55,2).

O ICEI mostrou uma acomodação em setembro, retratando uma melhora no cenário econômico e um otimismo moderado, o que permite projetar um aumento da atividade industrial no país nos próximos meses.

Índice Confiança do Empresário Industrial do Brasil
(Em pontos)



ICEI/BR – Setembro/2019 - Regiões
(Em pontos)



ICEI/BR – Indústria de Transformação
Setores Selecionados – Setembro/2019
(Em pontos)



Indicador varia no intervalo 0 a 100. Valores acima de 50 indicam confiança.

Fonte: CNI.

O que levou o Banco Central a reduzir a taxa de juros?

Corte de 0,5 ponto percentual levou Selic ao menor patamar da história.

Na última quarta-feira, o Comitê de Política Monetária do Banco Central (COPOM) decidiu de forma unânime pelo corte de 0,50 ponto percentual (p.p.) da taxa Selic, dando continuidade ao ciclo de cortes iniciado na reunião de julho. Com a redução, a Selic caiu para 5,5% a.a., o menor patamar da história.

Como se sabe, os comunicados do Comitê têm condicionado reduções na Selic a avanços concretos na agenda de reformas, e essa agenda segue andando no Congresso. A reforma da Previdência, a mais urgente delas, ainda não foi votada no Senado, mas há grande expectativa de aprovação do texto sem alterações significativas em relação ao que saiu da Câmara. Ademais, discussões sobre a reforma Tributária e uma possível reforma Administrativa ganharam espaço no debate.

Quanto à inflação, o IPCA registrou alta de 0,11% em agosto, uma desaceleração frente à taxa observada em julho (+0,19%) e acima da observada em agosto de 2018 (-0,09%). Com isso, a taxa acumulada em 12 meses ficou em 3,43%, uma leve elevação frente ao acumulado até julho (+3,22%), permanecendo em patamar significativamente abaixo da meta de inflação definida para 2019 (+4,25%). No mês, os grupos de Alimentação e bebidas (-0,09 p.p.) e Transportes (-0,07 p.p.) apresentaram os maiores impactos negativos.

Além do IPCA cheio seguir abaixo da meta, os núcleos de inflação permanecem em patamares confortáveis. Vale ressaltar que os núcleos de inflação são medidas que procuram captar a tendência dos preços, desconsiderando distúrbios resultantes de choques temporários, como ocorre principalmente com os preços de alimentos e energia. No acumulado em 12 meses até agosto, a média dos 7 índices calculados pelo Banco Central foi de 3,04%, praticamente o mesmo patamar observado em julho (+3,00%). Ainda considerando o acumulado em 12 meses, em três medidas de núcleo houve desaceleração na passagem de julho para agosto.

Um dos motivos para que a inflação permaneça baixa é que a atividade econômica não consegue firmar uma trajetória consiste de recuperação. Após crescer na margem por dois meses consecutivos, o IBC-Br voltou a cair em julho (-0,16%). Nos últimos 12 meses, o crescimento acumulado foi de 1,07%, taxa abaixo da registrada no acumulado até junho (+1,13%). A desaceleração no acumulado em 12 meses na passagem de junho (-0,77%) para julho (-1,34%) também foi verificada na Indústria. No mercado de trabalho, a taxa de desemprego recuou para 11,8% no trimestre encerrado em julho. No entanto, a média móvel em 12 meses (que expurga efeitos sazonais) manteve-se em 12,1%. O nível de utilização da capacidade instalada na

Indústria de transformação, considerando a média em 12 meses, apresentou queda nos últimos nove meses (dezembro/18 a agosto/19). Portanto, a ociosidade dos fatores de produção permanece elevada.

No cenário externo, apesar das turbulências recentes no mercado internacional de petróleo em função dos ataques à Arábia Saudita, o panorama geral não se alterou de forma significativa a ponto de afetar a decisão do COPOM. A atividade econômica nos países desenvolvidos segue desacelerando e as autoridades monetárias estão agindo para tentar afastar o risco de recessão. Há duas semanas, o Banco Central Europeu (BCE) anunciou um conjunto de medidas de estímulo monetário e, na última quarta – pouco antes da decisão do COPOM –, o Federal Reserve (FED) confirmou mais um corte na taxa de juros dos EUA.

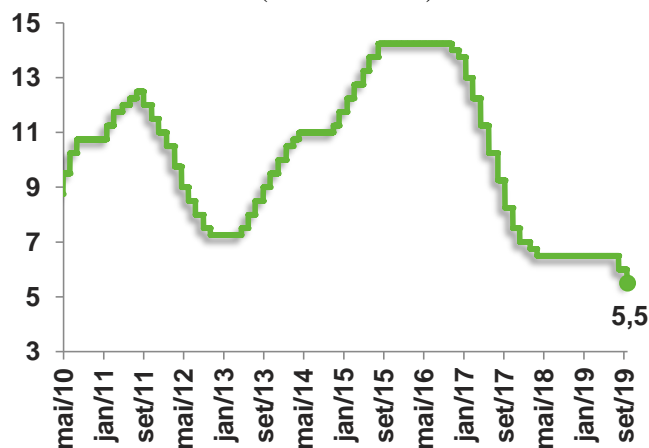
Diante desse quadro, as expectativas de inflação permanecem abaixo das metas. A mediana de mercado aponta IPCA fechando 2019 em 3,44% e, para 2020, a projeção é de 3,80%, sendo que as metas definidas pelo Conselho Monetário Nacional (CMN) são de 4,25% e 4,00%, respectivamente. Para 2021 e 2022, as expectativas estão ancoradas nas respectivas metas de inflação: 3,75% e 3,50%.

Portanto, a combinação de quatro fatores levou o COPOM a tomar a decisão de reduzir os juros, como já era esperado pelo mercado: 1) inflação controlada; 2) atividade econômica fraca; 3) cenário externo favorável aos emergentes; 4) continuidade da agenda de reformas.

Por fim, no comunicado divulgado logo após a decisão, o comitê deixou as portas abertas para mais cortes na Selic. As projeções contidas no Boletim Focus revelam que o mercado espera mais um corte de 0,5 p.p. na próxima reunião, a ocorrer em outubro, fazendo a taxa recuar para 5,0% a.a., patamar que seria mantido até o final de 2020.

Meta Selic definida pelo Copom

(Em % ao ano)



Fonte: BCB.